



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

# revistafsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 18, n. 7, art. 14, p. 217-238, jul. 2021

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2021.18.7.14>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## “Sai Velho, Deixa o Novo Entrar”: O Luto do Aposentar, Envelhecer, da Finitude e da Sexualidade

## “Get Out Old Men, Let New one Enter”: The Mourning of Retirement, Aging, Finitude and Sexuality

### Débora Vargas Ferreira Costa

Doutora em Administração pela Universidade do Grande Rio  
Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
[deboravargas82@gmail.com](mailto:deboravargas82@gmail.com)

### Rejane Prevot Nascimento

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Professora da Universidade do Grande Rio  
[rejaneprevot@uol.com.br](mailto:rejaneprevot@uol.com.br)

**Endereço: Débora Vargas Ferreira Costa**  
(UFRRJ) Km 07, Zona Rural, BR-465, Seropédica - RJ,  
23890-000. Brasil.

**Endereço: Rejane Prevot Nascimento**  
(Unigranrio) Rua Professor José de Souza Herdy, 1160 -  
Jardim Vinte e Cinco de Agosto, Duque de Caxias - RJ,  
25071-202 Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar  
Rodrigues**

**Artigo recebido em 14/06/2021. Última versão  
recebida em 27/06/2021. Aprovado em 28/06/2021.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**



## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como é vivenciado o luto da perda do trabalho, consequência da aposentadoria e qual a relação dessa vivência com a velhice e a sexualidade. Foi utilizada a metodologia qualitativa, composta por entrevistas e análise de narrativa. Foram 20 sujeitos participantes da investigação, com um recorte etário de 61 a 84 anos, todos aposentados, dentre os quais 9 ainda mantêm alguma atividade laboral e 11 não possuem mais vínculo de trabalho. Nas conclusões destaca-se que o sujeito, ao se aposentar, passa por um processo de luto, vivido em função da perda de seu objeto de amor, o trabalho. Percebeu-se, ainda, que diante de vários conflitos existentes, o sujeito acaba por se reconhecer como velho, em um contexto no qual quem é aposentado assume a própria velhice e a improdutividade. De maneira complementar, pôde-se notar nas narrativas a vivência de outro luto, o do próprio envelhecimento e da finitude da vida, que culminará no luto da sexualidade do indivíduo. Por fim, o artigo traz como uma nova contribuição, a evidência da relação do trabalho com a sexualidade do sujeito, sua transcrição nas narrativas relativas ao trabalho e à aposentadoria, bem como a possibilidade de obtenção do prazer sexual ao trabalhar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aposentadoria. Luto. Envelhecimento. Finitude. Sexualidade.

## ABSTRACT

This present research aims to understand how is experienced the mourning of the loss of "work", consequent of retirement and what is the relationship of this experience with the old age and sexuality. In the development of the study it was used the qualitative methodology composed of interviews and analyzes of narrative. There were 20 participating characters of the investigation, with an age group from 61 to 84 years old, all retired, among which 9 still keep some labour activity and 11 don't have any work bond. The results of the research evidence that the character when retiring goes through a process of mourning lived as a result of the loss of his object of love. It was still perceived that faced with various existing conflicts such as the perception, the character ends up recognizing himself as old in a context that who is retired assumes his own old age and improproductiveness. In a complementary manner, could be noticed in the speeches the experience of another mourning, the very aging and finitude of life which will culminate in the mourning of the character's sexuality. Finally the article brings the evidence of the relationship of work to the character's sexuality, its transcription in the narratives related to work and retirement, as well as the possibility of obtaining the sexual pleasure when working.

**KEYWORDS:** Retirement. Mourning Aging. Finitude. Sexuality.

## 1 INTRODUÇÃO

O tempo de trabalho e de não trabalho tem interpretações diversas, dependendo do momento histórico e social que é estudado. Vive-se neste momento em uma sociedade em que aposentar-se tem um sentido direto com envelhecer e trabalhar tem um sentido de produzir e ser útil. Nesta perspectiva, surge a inquietação em conhecer como tem sido deixar de trabalhar neste contexto, e utilizando-se de um aporte psicanalítico, busca-se compreender como é vivenciado o luto relativo ao processo de parar de trabalhar e qual é a relação que ele tem com a velhice.

Compreendendo que a velhice é construída social e culturalmente (BEAUVOIR, 1970), aliada ao pressuposto da centralidade do trabalho na vida do sujeito, em que reside o prazer, o sofrimento, a estruturação e a desestruturação psíquica, remeteria a aposentadoria ao sentido de ficar velho? Como nossa sociedade lida com o fato de envelhecer? Ou seja, além de estar sem o trabalho, estar aposentado remete ao fato de estar ficando velho? Como nossa sociedade narcísica lida com isso?

Para Lasch (1983), a sociedade capitalista tem uma forte tendência narcísica na formação da sua personalidade, que traz como consequências o medo de envelhecer e a busca infantil pela juventude. Diante disso, o término da vida no trabalho acaba por gerar medos, receios desses indivíduos quanto ao sentimento de inutilidade, a sensação de improdutividade, redução dos laços sociais, a condição econômica desfavorável, que restringe mais intensamente suas atividades sociais e acelera o processo do envelhecimento social.

É importante destacar que toda perda, como a do trabalho, para o caso da aposentadoria, gera um processo de luto que será vivido por cada pessoa de forma diferente. Freud (1915) afirma sobre o luto que, para o mesmo decorrer de forma natural é necessário que se reinvesta a energia libidinal do objeto de amor perdido para outro objeto, superando assim, a perda do objeto anterior. O autor ressalta que esse processo de luto e direcionamento da energia libidinal para outro objeto é penoso, pois geralmente os indivíduos não gostam de abandonar uma posição libidinal, mesmo que o objeto substituto já esteja à vista.

No presente estudo, entende-se que um desses objetos de amor eleito ao longo da vida do trabalhador, dada a importância do trabalho na vida das pessoas, é o trabalho e o que ele representa. Ao perdê-lo, ou seja, ao chegar o momento da aposentadoria, viver esse luto seria inevitável.

Diante do exposto sobre o trabalho, a aposentadoria e o luto, o presente estudo também traz um questionamento sobre a sexualidade e o trabalho. A importância da

sexualidade para o sujeito é tão significativa, segundo a teoria freudiana, que as pulsões sexuais nasceriam com o sujeito e deixariam de existir apenas com sua morte (NASIO, 1999). A pulsão, na teoria psicanalítica, é a vertente de estudo destinada a desvendar a sexualidade humana (DEJOURS, 2012a). Entretanto, apesar de a sexualidade caminhar com o sujeito por toda a sua vida, são poucos os trabalhos publicados nos estudos organizacionais relacionando a sexualidade e o trabalho. Há alguns estudos com foco em gênero, mas quase não existem pesquisas que tangenciam a sexualidade, as pulsões e suas manifestações no trabalho (MATHEUS; BRESLER, 2002; MORGAN, 2006).

Dejours (2012a) menciona, sobre estes temas, que a teoria do trabalho e a teoria da pulsão, analisadas em conjunto, ainda foram pouco exploradas. O autor enfatiza a importância de estudar as relações entre o corpo e o funcionamento psíquico, destacando que: “Ali, onde buscávamos o corpo, será, em realidade, o trabalho que descobriremos!” (DEJOURS, 2012a p. 58). O autor complementa que a sexualidade e o trabalho estão longe de serem conceitos antagônicos. Diante disso, o presente estudo abordará o trabalho pela lente da psicodinâmica do trabalho – que adota a psicanálise como um de seus pilares – tendo como objeto de investigação a sexualidade no trabalho e sua relação com o processo de aposentadoria.

Desta forma, o presente artigo procura responder a seguinte pergunta: como é vivenciado o luto da perda do trabalho, consequência da aposentadoria, e qual a relação dessa vivência com a velhice e a sexualidade?

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Aposentadoria e Luto**

No ensaio sobre luto e melancolia, Freud (1915) descreve o processo ligado à perda e ao trabalho que envolve um reposicionamento libidinal, evidenciando que a associação do luto à melancolia diz respeito à semelhanças de sintomas encontrados nesses dois estados. A diferença é que, no luto, todos os apegos emocionais têm de ser retirados de um objeto perdido que não mais existe. A melancolia, como o luto, é uma resposta a uma perda ou a uma separação, sendo que o sujeito não sabe o que está sendo perdido. Mesmo quando o doente está consciente da perda, Freud sugere que ele sabe quem perdeu, mas não o que perdeu naquele objeto (GABRIEL, 2008; GABRIEL, 2012).

Garcia-Roza (2008) reafirma a visão de Freud de que, tanto no processo de luto quanto no da melancolia, existe a perda de um objeto, que no presente artigo é o trabalho decorrente da aposentadoria.

Bruns e Abreu (1997) realizaram um estudo com 50 homens e 50 mulheres no momento da aposentadoria, acerca do significado que atribuíam ao trabalho ao longo de suas vidas, e observaram que, antes da aposentadoria, são feitos diversos planos do que se deseja realizar depois dela; no entanto, a maioria dos entrevistados se mostra desencantada por não saber gerenciar com prazer a existência sem uma ocupação profissional, mesmo quando essa atividade tenha sido executada com insatisfação. A ausência de projetos para serem concretizados após a aposentadoria provoca sentimentos de angústia e solidão, somados ao sentimento de desvalia.

Para Guerreiro Ramos (1981) e Tragtenberg (1980), a sociedade capitalista traz consigo a visão da existência humana submissa ao trabalho, fazendo com que o ser distancie-se cada vez mais de si mesmo e tenha uma vida apenas para trabalhar. Diante desta grande ligação do sujeito com o trabalho é que Caldas (1999) argumenta que a experiência de não estar trabalhando, analisada de forma profunda e subjetiva, vai evidenciar as complexas e ambivalentes relações que os sujeitos desenvolvem com a organização no sistema capitalista. Isto é evidenciado pelo tempo de trabalho que se passa nas empresas, em muitos casos, superior ao que se passa com a própria família. Pagés *et al* (1987), argumentam que as empresas são associadas à figura de ‘mãe’: por um lado vista como fonte de afeto, amor e proteção e por outro lado como fonte de medo e angústia pela possibilidade de perdê-la, ou seja, medo de perder o amor da organização (MOTTA, 1987), visto que como o trabalho, a organização, por consequência, também se torna este objeto de amor do sujeito.

Neste sentido, Barreto e Ferreira (2011) também consideram o trabalho como um objeto de amor nos moldes capitalistas e vai afirmar que sua perda, ou seja, a aposentadoria gera um processo de luto a ser vivido pelo sujeito devido à tamanha identificação que é imposta a ele com o trabalho ao longo de toda a vida laboral.

Para finalizar, França (1999) expõe que no Brasil este processo de parar de trabalhar é tratado, de forma geral, apenas pelo aspecto econômico-financeiro e não é observado e amparado pelo aspecto social e psicológico do sujeito. Com isso, as pessoas quando conseguem, se organizam financeiramente, porém, se deparam com um abismo não esperado de se sentir inativo depois de anos de contribuição no mercado de trabalho.

## 2.2 Envelhecimento e Narcisismo

Para iniciar a discussão sobre o envelhecimento, é importante que se faça uma diferenciação entre o envelhecimento e a velhice. O envelhecimento é um processo que nos acompanha desde o nascimento até a morte (MUCIDA, 2006), ou seja, não é a velhice propriamente dita. Essa é uma das etapas da vida, que a depender da ótica utilizada, se inicia em momentos diversos (MESSY, 1999).

Beauvoir (1970) evidencia ainda que a velhice é construída social e culturalmente. Para a autora, a velhice teria uma categoria social – construída socialmente em cada cultura – e uma categoria individual – construída através da posição da pessoa diante da vida. Peres (2007) complementa que apesar das questões biológicas que estão relacionadas com o envelhecimento, a forma de enxergar a velhice depende do contexto social e histórico no qual ela é vivenciada.

Bruns e Soares (2007) apontam que na sociedade atual, o idoso é cada vez menos valorizado – com a exaltação do jovem, daquilo que é novo – e a experiência vivida parece ter importância secundária. Complementam ainda que a negação da velhice aparece nas metáforas “melhor idade”, “segunda adolescência” e “adulto maior”, criados pela ideologia do velamento da velhice, buscando assim, atender aos padrões da sociedade de consumo que encontra na população de idosos possíveis adeptos de modismos vigentes e voláteis, como estilos de vestimentas que se modificam a cada estação, ou novos pontos turísticos a serem conhecidos.

Inspirado pelo mito de narciso, Freud (1914) desenvolveu a teoria sobre o investimento libidinal no próprio eu. O termo narcisismo foi criado por Freud e na psicanálise representa um modo particular de relação com a sexualidade. O narcisismo não é apenas uma condição patológica, é uma importante condição da formação do eu e, conseqüentemente, da constituição de subjetividade (GARCIA- ROZA, 2008).

No entanto, Lasch (1983) argumenta que a sociedade se encontra com o traço narcísico aguçado, trazendo então sérias dificuldades, uma delas é envelhecer. O autor diz “em uma sociedade que tem horror à velhice e à morte, o envelhecimento implica um terror especial para os que temem a dependência e cuja autoestima requer a admiração, geralmente reservada à juventude, à beleza, à celebridade ou ao encanto pessoal” (p. 66). Lasch (1983) argumenta que sempre houve o medo da morte e o desejo de viver pela eternidade, no entanto, esse medo é potencializado de forma significativa em uma sociedade que não se interessa pela posteridade e tem menos apego à religião. E complementa que a tensão sobre a velhice se dá

não só pela proximidade da morte, mas também porque nossa sociedade não vê muita utilidade para os velhos.

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) afirmam que, diante de um receio inconsciente da finitude da vida, muitas pessoas procuram se eternizar pelo seu trabalho, suas obras, seus legados deixados à humanidade, demonstrando como perceber o fim da vida é angustiante para os indivíduos.

### 2.3 Sexualidade e Trabalho

Segundo os autores Roudinesco e Plon (1998), Freud mostrou que a sexualidade era uma representação ou construção mental, como também o lugar de uma diferença anatômica. Em decorrência disso, suas teorias transformaram a visão que a sociedade ocidental tinha da sexualidade. O autor expôs que não existe caminho natural para a sexualidade humana e que para satisfazer o desejo não existe uma única maneira.

Segundo Nasio (1999), para a psicanálise, o sentido oculto dos nossos atos tem uma significação sexual. E essas tendências, chamadas pulsões sexuais, nascem em uma zona erógena do corpo, almejam o ideal impossível de satisfação sexual absoluta, tangenciam o recalçamento e são exteriorizados por atos substitutivos do impossível ato incestuoso.

As pulsões sexuais são múltiplas e existem no inconsciente desde o processo embrionário, cessando com a morte. Um elemento que caracteriza essas pulsões, Nasio (1999) acrescenta, é o prazer particular que elas proporcionam, não o prazer absoluto que visam, mas o prazer parcial que obtêm, chamado de sexual.

Então, questiona-se, o que é prazer sexual? E o que é sexualidade? Para a psicanálise a sexualidade humana não se reduz ao contato de órgãos genitais de dois indivíduos ou estimulação dos mesmos, é muito mais ampla que isso.

A partir do trabalho “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905) amplia o conceito de sexualidade, não se restringindo apenas à parte genital e destaca sua importância para as atividades humanas. Freud (1915b) propõe uma classificação das pulsões originais em dois grupos: o das pulsões do eu ou de autoconservação e o das pulsões sexuais.

Garcia-Roza (2009) explica a diferença dessas duas pulsões expondo que elas se encontram sob o predomínio de diferentes princípios de funcionamento. As pulsões do ego são regidas pelo princípio de realidade, ou seja, ela só pode se satisfazer com um objeto real. Já as pulsões sexuais se encontram regidas pelo princípio de prazer e sua satisfação ocorre com objetos fantasmáticos fantasiados pelo sujeito.

Segundo Nasio (1999), o prazer obtido pelas pulsões sexuais é um prazer limitado, e os três principais destinos das pulsões sexuais são: o **recalcamento**, a **sublimação** e a **fantasia**.

Nesta seção será enfatizado o destino da pulsão chamada sublimação, que também é um dos pilares do trabalho, do ato de trabalhar. A **sublimação** é uma manobra feita pela pulsão para desviar seu trajeto de objetivo sexual ideal (incesto), por outro objetivo não sexual, de valor social. As relações de afeto entre pais e filhos, as profissões, produções artísticas e culturais, relações de amizade, sentimentos entre o casal, são expressões sociais das pulsões sexuais desviadas a outro objetivo (NASIO, 1999).

Dejours (2012b) em seu livro Trabalho Vivo traz uma definição de segundo corpo, importante para entender a relação do trabalho com a sexualidade do sujeito. Ele explica que existe o corpo biológico e o segundo corpo que é o corpo que o sujeito habita. Este é o corpo que experimenta o mundo afetivamente e o corpo que engaja a relação com o outro, através de sorrisos, gestos, suores e tremores.

Ao segundo corpo, a este corpo subjetivo que é constituído a partir do corpo biológico, dá-se, na psicanálise, o nome de corpo erógeno. O autor faz esta explicação, baseado na teoria Freudiana (1905) já mencionada anteriormente nesta seção, para complementar que é este segundo corpo “da experiência mais íntima e da relação com o outro que é convocado no trabalhar” (DEJOURS, 2012b p. 31).

Ao fazer um apanhado nos estudos é possível, então, perceber a relação da teoria do trabalho, teoria do corpo e teoria da pulsão. O segundo corpo, o da subjetividade, é mobilizado pelo trabalho, ou seja, o corpo subjetivo é transformado no trabalhar ao confrontar-se com o real. E o mesmo corpo, o da subjetividade, é o erógeno, o da sexualidade. Com isto, entende-se que o corpo que experimenta o trabalho é o corpo da sexualidade, confirmando a dupla centralidade. Portanto, pode-se concluir que o trabalho é um campo de pulsão e de grande investimento libidinal do sujeito, uma atividade que tem relação com as pulsões sexuais e um dos destinos das mesmas. Ao trabalhar se tem a possibilidade de obtenção de satisfação sexual, além de o trabalho possuir um lugar fálico na sociedade, ou seja, desempenhá-lo coloca o sujeito em uma posição de virilidade e potência.

Como já afirmado por Dejours (2012a), a sexualidade e o trabalho são conceitos que não estão distantes e não são antagônicos. Com isso, esta seção procurou elucidar pontos sobre sexualidade, pulsão, e alguns estudos sobre estes conceitos aplicados no trabalho, para que seja possível analisar os dados da pesquisa no que tange à sexualidade e ao trabalho.



Na próxima seção será apresentado o percurso metodológico do presente estudo que dará base para a análise dos dados encontrados na pesquisa.

### 3 METODOLOGIA

A natureza da pesquisa realizada foi qualitativa (FLICK, 2009), por meio de pesquisa bibliográfica e de campo. A coleta e a análise dos dados foram feitas pela entrevista e análise de narrativa (CRESWELL, 2014).

Foram selecionados para participar da pesquisa: homens e mulheres com idade igual ou superior a 60 anos, que de acordo com a classificação do IBGE (2013), são considerados idosos; aposentados, para que seja possível verificar a existência do luto e como tem se dado esse processo. A pesquisa teve como participantes pessoas entre 61 e 84 anos, todos aposentados, destes, 9 mantêm ainda alguma atividade laboral e os outros 11 não. A maioria cursou graduação, 16 entrevistados, e as profissões são de diversas áreas. Os sujeitos foram selecionados de acordo com o perfil descrito acima e foi utilizado o método conhecido como *snowball* (bola de neve), para o acesso aos possíveis entrevistados. (VINUTO, 2014; BALDIN e MUNHOZ, 2011).

Com base no referencial teórico, utilizou-se para apresentar os dados cinco categorias que serão analisadas a seguir: Processo de Luto; Transferência Libidinal para outro Objeto; Envelhecimento; Parar de Trabalhar é Parar de Viver; Sexualidade e Trabalho. Os nomes dos entrevistados são fictícios, mantendo assim a confidencialidade da pesquisa.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa de campo, a partir das categorias identificadas por meio da revisão de literatura do estudo.

#### 4.1 Processo de Luto

No ensaio de Freud (1915) relativo ao luto, o autor vai explicar sobre a perda do objeto de amor e o trabalho associado ao reinvestimento libidinal em outro objeto, para que assim, o luto se encerre. No entanto, o autor menciona que o processo de luto é muito penoso para o sujeito, trazendo dificuldades e sensações de vazio (GABRIEL, 2008; GABRIEL, 2012).

Garcia-Roza (2008) destaca que a depender do tamanho da identificação com o objeto elegido, a perda do mesmo chega a ser tratada como abandono do próprio eu por si mesmo. Por isso, e devido à importância do trabalho na vida das pessoas, é que a perda deste objeto é tratada muitas vezes como a perda de si, da própria identidade, da própria vida, como relatado por alguns sujeitos de pesquisa.

Rogério conta que foi assaltado, ao se aposentar, por um grande sentimento de inutilidade: “Eu me senti assim... Eu vinha pra casa sentava ali, via televisão, falei ‘gente, isso vai... Vai... Eu vou ficar doente. Eu vou ter qualquer problema aí’. Eu vou ficar... Né? Uma depressão um negócio assim. Aí, eu comecei assim... sentia um vazio muito grande”. O sentimento de vazio tomou o lugar do sentimento de alívio que o entrevistado acreditou que iria sentir com a aposentadoria.

Olha, eu vou te falar uma coisa, eu achava que eu ia...que ia ser assim: “eu vou parar de trabalhar, mas vai ser maravilhoso. Eu vou ficar em casa, vou ver... vou ver filme, vou ver...” Mas na hora que eu aposentei. Você já viu quando eles falam aquela... Que você fica igual a um cachorro que cai do caminhão da mudança? Que você fica perdido assim? É o que aconteceu comigo. Eu não esperava. Eu não sabia. E ninguém nunca fala com você. É você sozinho. É você pensando ali em aposentar e falando “vou sair dessa trabalhadeira doida. Então, era uma coisa desgastante. Aí, você está toda hora pensando “pô, na hora que eu ficar lá em casa atoa” quando você chega em casa você vê que não é bem assim. **(ROGÉRIO)**

Bruns e Abreu (1997), em pesquisas com aposentados, encontraram narrativas com sentimentos oriundos deste momento, como angústia e solidão, somadas à desvalia. Como descrito pelo Rogério, houve um sentimento de inutilidade e vergonha de sua situação e sem saber, teve que se reerguer do processo de luto que viveu. Tal processo reforça a noção apresentada por França (1999), de que a aposentadoria pode ser sentida com angústia e sensação de vazio e muitas pessoas não têm ideia que viverão este processo, como menciona Rogério, que não esperava passar pelo estranhamento e vazio que viveu.

Marcela, assim como Rogério, conta ter tido sentimentos estranhos e uma sensação de ter “feito algo errado”:

Eu aposentei dia 30 de dezembro, então no réveillon daquela época, eu participei de um réveillon de família, com um tio que era mais velho do que eu e ainda não tinha parado de trabalhar. Aquilo me deu um mal-estar danado, sabe? Um mal-estar danado. E aí o que aconteceu? Veio o mês de janeiro, aí eu fui para Belo Horizonte, no aniversário de um sobrinho e lá eu estava muito assim, com essa coisa ruim, de ter feito um ato errado, sabe? Joguei meu emprego fora, que eu vou fazer agora? **(MARCELA)**

Na mesma direção, Aloísio também remete a este sentimento de não saber o que fazer: “Mas então é o seguinte, mas então eu falei, meu Deus do céu! Eu estava com cinquenta e sete anos, o que eu vou fazer agora? Tenho que fazer alguma coisa, senão *não vou valer nada*” (grifo da autora). Caldas (1999) comenta que, de acordo com o vínculo que a pessoa estabelece com sua ocupação ao longo da vida, a dissolução deste vínculo pode caracterizar “uma perda traumática desta coesão psíquica” (p. 266) e complementa que muitas vezes a ocupação do sujeito é que determina a ele significados de mundo e de si. Ao ficar sem o trabalho, o sujeito se vê sem eixo de vida.

Percebeu-se que para todos os entrevistados houve um processo de luto com a aposentadoria, uns passaram por ele de forma mais amena e outros de maneira mais penosa.

#### 4.2 Transferência Libidinal para outro Objeto

A categoria “transferência libidinal para outro objeto” se destaca como importante, no sentido que após o processo de luto (FREUD, 1915), da perda do trabalho, objeto de amor elegido fortemente na sociedade produtivista (BARRETO; FERREIRA, 2011), é necessário que exista uma transferência libidinal do objeto perdido para outro objeto, para o ajustamento do sujeito à vida novamente, o que foi mencionado frequentemente pelos sujeitos da pesquisa.

Helena conta um estranhamento ao sair na rua depois de aposentar, no horário costumeiro de trabalho e se ver como muitas outras pessoas, sem nada para fazer. Conta que, como sempre gostou de estudar e dar aulas de idiomas, preencheu seu tempo com isso e se sentiu melhor: “Dava, assim, as aulas mais à noite né? Porque eu saía cedo, aí eu podia assumir compromisso só à noite, por isso estava esse vazio no dia. Depois eu coloquei aula à tarde, então foi preenchendo mais o dia. Depois acostumei com a rotina”. Leda e Helena narram que após o luto da interrupção do trabalho, preencheram seu tempo, ou seja, transferiram a energia libidinal para outro objeto, com viagens, cuidando dos netos e dando aulas de idiomas.

Elder comenta que é muito importante que a pessoa, ao se aposentar, não fique parada, saia de casa, faça caminhadas, não “vista o pijama” e se acomode, de certa forma, o entrevistado coloca a importância de se investir a energia daquele objeto perdido em outro. Como menciona Garcia-Roza (2008), é importante que o luto seja vivido e que o sujeito se interesse em direcionar a libido do objeto que não existe mais para outros, trazendo equilíbrio à vida da pessoa. Nesta mesma direção de Elder, Dalva e Marcela narram como se

organizaram após o luto da perda do trabalho. Dalva conta que ficou ‘sem chão’ ao ficar sem atividade laboral e logo correu para arrumar alguma coisa e poder direcionar sua vida para outras atividades:

Trabalhava e função da casa e depois sobrou a função da casa, então resolvi e tive um período assim pra pensar, e resolvi assim parte da manhã eu procuro faço trabalho voluntario, faço duas vezes por semana trabalho voluntario, caminhada adoro caminhar e assim a tarde sempre saio, sempre tem alguma coisa pra fazer e quando eu invento alguma coisa pra fazer, são 3 contas pra pagar pago uma de cada dia ,só porque tenho que ir lá embaixo dar uma voltinha e tal, aí eu acho que agora assim já tô mais tranquila nisso e também a gente entende que há os períodos da renovação da vida, muita gente pra entrar, muitos pra sair dar lugar ao outro e tudo, respeito muito isso. **(DALVA)**

Marcela se diz uma pessoa muito bem disposta. Conta que, quando saiu do banco, ficou com muito medo de ficar parada, sem dinheiro e sem poder viajar. Porém, no mês seguinte foi trabalhar em uma agência de viagens e se encontra lá até hoje.

Laura conta como foi o susto de não poder mais trabalhar, ser aposentada por invalidez e como reinvestiu sua energia para superar esse processo:

Não, não pode mais trabalhar. Aí então foi assim assustador no início, mas depois eu me adaptei. Eu sempre gostei muito de ler, eu sempre gostei muito de ler e então lia muito, eu sempre li muito... e coincidiu de adolescência do meu filho que requer mais a sua presença, doença da minha mãe que requeria mais a minha presença então preencheu o meu tempo por conta disso. **(LAURA)**

A narrativa apresentada pela entrevistada demonstra que, mesmo sem a pessoa ter conhecimento da necessidade de direcionar a energia libidinal, esta é uma necessidade da psique para estabilizar a vida novamente, remetendo às considerações de Messy (1999) sobre a importância de poder viver o luto para que a energia possa ser redirecionada, trazendo equilíbrio psíquico e bem-estar ao sujeito.

A transferência libidinal para outro objeto é vista, na literatura, como fundamental para a recuperação do luto vivido pelo sujeito e nas narrativas dos sujeitos isso foi encontrado e trazido como fundamental para a reorganização da vida dos entrevistados.

### 4.3 Envelhecimento

Beauvoir (1970) evidencia que o processo de envelhecimento, de certa forma, sempre foi uma preocupação humana, pois, ao mesmo tempo em que guarda o sentimento de sabedoria, experiência de vida e respeito, remete também à maior proximidade da morte, degradação física e perda de agilidade mental.

No decorrer da narrativa, os entrevistados vão se dando conta do próprio envelhecimento, assunto delicado de ser tratado e abordado. Todavia, ao mesmo tempo em que o sujeito se reconhece como velho, nega a própria condição, até passar pela própria aceitação de seu momento de vida. Ao chegarem a esta desafiadora conclusão, muitos acabam se consolando e comentando que envelhecer é uma forma de não morrer jovem, como Beauvoir (1970) já havia dito em seu livro intitulado *A Velhice*.

Toda essa dificuldade de aceitação da velhice, segundo Lasch (1983), está atrelada a um contexto narcisista, no qual o culto a corpos, aparências jovens e ao que é novo e renovado a todo momento é muito valorizado.

Gilson traz uma visão bastante pessimista sobre a idade, o velho e o envelhecimento. Diz que o futuro do velho é ficar mais velho e que não tem nada bom nisso. “Chegou no tempo, sai fora, ficou velho. Sai velho, deixa o novo entrar”. O entrevistado se mostra hostil com o envelhecer, talvez seja por isso que ele ainda se recusa a reconhecer-se como aposentado, pois como comenta Messy (1999), a aposentadoria inscreve o sujeito na posição de velho. Gilson usa a expressão “rito de passagem”, evidenciando que aos 65 anos a pessoa já está velha e associa isso ao trabalho, a não trabalhar mais ou não ser mais convidado por conta da idade. A esse respeito, Peres (2007) vai defender que os rituais de passagem se dão na vida das pessoas através do trabalho, exatamente como aparece na fala do entrevistado, quando expõe que sua idade e sua passagem pela vida se dão no pano de fundo do trabalhar.

Felipe traz também em sua fala o fato de que ser velho não foi bem visto em seu último trabalho, destacando um sentimento de que houve preconceito com sua idade: “Não, lá eu senti na carne, lá me chutaram bastante pro lado (...) os mais ‘radicaizinhos’ ‘falavam que eu tava tomando conta do velhoduto, que não sei o que...velho”. É possível que estas últimas experiências no trabalho, de preconceito e exclusão, tenham sido responsáveis pela visão hostil e pessimista de alguns entrevistados em relação à própria aposentadoria e seu processo de envelhecimento.

Marcela comenta que trabalhar é uma coisa para não ficar velha, doente e nem mal-humorada. “Aí... É... Hahaha... Pode falar... Eu não me sinto velha”. Ela complementa: “Eu

fiquei pouquíssimo tempo sem fazer nada né? Mas eu não sei se eu tivesse aposentado de tudo se estaria velha, gorda... Né? Eu não sou velha, não sou velha, entendeu?” A entrevistada exemplifica o que Lasch (1983) apresenta como a sociedade narcísica que tem horror ao envelhecimento, uma recusa pelo envelhecer e por tudo aquilo que remete ao velho, que no caso dela é o parar de trabalhar. Ela também expõe a questão do narcisismo patológico ao dizer que, se aposentasse estaria velha e gorda, ou seja, colocando a aparência e o culto à beleza como primordiais à sua decisão de vida.

A pesquisa evidenciou que envelhecer tem sido uma dificuldade para muitos entrevistados e que eles sentem que o velho tem dificuldade em encontrar seu espaço na sociedade, com isso, trabalhar é uma forma de tentar se inserir, apesar de que o preconceito relativo à idade no mercado de trabalho é um fato trazido por eles. E com isso, ao se aposentar, muitos narram se aproximar do fim da vida, como mostra a categoria a seguir.

#### **4.4 Parar de Trabalhar é Parar de Viver**

Esta categoria foi evidenciada de forma sutil, pois falar de morte, futuro, finitude, para um sujeito aposentado que está se percebendo velho, é algo delicado. Dessa forma, no desenlace da entrevista, no momento que as coisas se concluía, resumiam e caminhavam para a finalização, alguns entrevistados foram atrelando o fim do trabalho ao encontro da finitude da vida. Eles trazem, nesse momento, metáforas como o fim, término, invalidez, morte, morte para a sociedade, incapacidade, perda, adoecimento e também a afirmação de que agora eles não têm mais futuro. Pode-se perceber nas entrevistas que o futuro é um tempo diferente de ser experimentado para o idoso, pois quanto mais o tempo passa para eles, a impressão é que estariam mais próximos do fim.

Morin, Tonelli e Pliopas (2003 p.17) afirmam que “É verdade que o trabalho continua sendo uma maneira excelente de organizar o tempo e se manter ocupado. As ocupações por ele engendradas proporcionam uma estrutura de defesa contra a ansiedade da morte e do vazio”. Bruns e Soares (2007) colocam que a representação social do envelhecimento é a morte e ele acessa a finitude existencial que a todos causa temor de alguma forma.

José traz em sua narrativa, como o trabalho é importante para se manter vivo e como teme esta questão da finitude:

Agora, quando chega a idade, bate também aquele negócio da finitude, de você já começar a imaginar que daqui a pouco já estou mais para lá do que para cá. Mas isso é uma coisa que dá e passa, porque você já está tão envolvido com suas atividades acadêmicas que não pensa muito nisso. (JOSÉ)

O entrevistado narra como o trabalho o ajuda a não pensar “aquele negócio da finitude” e conta que, às vezes é assaltado por esse pensamento, porém, as atividades acadêmicas contribuem para não pensar muito nisso. Pages *et al* (1987) expõe que estar envolvido em algum trabalho ajuda a diminuir a ansiedade do medo da morte. Tragtenberg (1980) afirma que, como a existência humana é vista pela ótica da vida de trabalho, não trabalhar então, é ir se dando conta da finitude e colocando fim à própria existência. Esta afirmação foi perceptível no estudo, no momento que foram tratados os receios da aposentadoria, as recusas de se reconhecer velho, pois, por trás do medo de ficar sem trabalhar, na verdade, muitas pessoas trazem o medo de anuir a própria condição de seres que irão morrer. Na narrativa, a seguir, Bianca, em um ato falho, ao falar sobre o início, meio e fim dos processos da vida, identifica a aposentadoria como fim da vida, mas se mostra tranquila quanto a isto:

Você tem um início, tem que ter um meio e tem que ter um fim. Eu acho que as pessoas têm que aprender a começar a seguir em frente e terminar. O término, vamos dizer, a aposentadoria pra mim nunca foi um bicho de sete cabeças. Não. Eu nunca tive medo de aposentar. (BIANCA)

Leda conta um fato que demonstra esta perenidade da existência através do trabalho e dos legados que a atividade laboral pode deixar:

(...) ai eu fui ficando até eu conseguir que tivesse um concurso pra uma vaga na minha linha, por que se eu sáísse ai a linha continuava com outra pessoa, pra eu sair e não morrer então eu já estava com tudo pra me aposentar, mas esperei pra deixar uma pessoa no meu lugar e acabou que com muita briga e muita luta se fez um concurso nessa área, não queria que fizesse um concurso nessa área, queria que eu fosse embora e acabasse a linha, mas ai ficou uma pessoa no meu lugar até hoje, mas ai depois essa pessoa assumiu e eu peguei a aposentadoria. (LEDA)

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) fazem a reflexão que os seres humanos são os únicos seres que nascem sabendo que vão morrer. Nesse sentido, existe a tentativa de deixar obras, livros, trabalhos, legados para humanidade, com o propósito de eternizar sua existência na terra. Por essa ótica é possível analisar a narrativa da entrevistada, que só aceitou sair para se

aposentar quando teve certeza que o trabalho que tinha realizado até então iria continuar. A entrevistada utilizou a expressão ‘pra eu sair e não morrer’ quando se referiu ao trabalho realizado, mas na verdade era para o que, ou quem, não morrer?

Esta associação feita do fim do trabalho com o fim da vida ,contribui para o entendimento do luto da perda do trabalho e muitas vezes a dificuldade que o sujeito enfrenta ao ter que se aposentar, pois na verdade, aceitando o fim do trabalho e o envelhecimento, ele também aceita ou se vê diante da própria finitude.

#### 4.5 Sexualidade e Trabalho

Diante de algumas narrativas pode-se observar que, sem saber ao certo do que falavam, estavam relacionando o trabalho com a sexualidade do indivíduo, utilizando-se expressões e palavras: “aposentado é inútil”, “trabalhar rejuvenesce e mantém ativo”, “impotente”, “inativo”, “não pode parar”, “força física”, “braço forte”, “virilidade”, “ficar um bobo dentro de casa”, “um homem sem nada é horrível”, “se ficar em casa vou engordar”, “quero produzir”, “um homem inútil não vive”, “trabalho é força e energia”, “homem nasceu pra ter atividade”.

Como mencionado no referencial do presente artigo, o trabalho é objeto de amor e lugar de investimento de libido pelo indivíduo.

No caso da pulsão sexual, há três destinos distintos, sendo a sublimação um deles. Ou seja, na impossibilidade da realização do sujeito com o objeto sexual ideal (o incesto), a pulsão desvia seu destino encontrando uma descarga de valor social, a sublimação (NASIO, 1999). Na sublimação, existe uma mudança do objeto sexual para o não sexual (o social), considerado neste estudo como sendo o trabalho, como visto na categoria “trabalho como fonte de sublimação”.

Sávio, ressaltando sua inquietude enquanto aposentado: “Oh, isso aí é um conflito que, quando a **pessoa aposentada tem**, que ela torna-se... que ela começa a **se julgar inútil, impotente**”. Na fala do entrevistado, percebe-se o sentimento de tornar-se inútil, impotente, alinhando-se com o que Messy (1999) constata, que a velhice coloca o sujeito não se vendo mais como objeto de desejo, ou seja, não se vendo como importante e desejável para si e para o outro. Nesta direção, Mucida (2006) complementa que ao aposentar e se sentir envelhecido, o sujeito experimenta perdas relativas ao desejo, podendo ocasionar uma ferida narcísica grave e um desinvestimento de si, causando consequências que merecem ser observadas como, não se ver útil e digno de merecer coisas boas.



Quando a pesquisadora perguntou ao Felipe se ele poderia participar da pesquisa, que ela estava conversando com aposentados, ele disse que poderia participar da entrevista sim, só que **ele era aposentado ativo**, e fez um **gesto mencionando força física, braço forte, virilidade**. E pode-se perceber nesta frase, que o entrevistado novamente fala do físico, de ficar gordo: “(...) é... fazendo um biscatinho, vou ali... **não paro não**. O que eu sinto é que **se eu parar eu vou engordar** não sei o que, **vou ficar um bobo dentro de casa**, eu não fico não, eu não paro. Você ficar sem fazer nada é horrível, **o homem sem nada é horrível**”.

É perceptível que o sujeito ao falar do trabalho fez relação com sua sexualidade, sua força física, disposição, entre outras frases que foram grifadas no parágrafo, trazendo a evidência da relação sexualidade e trabalho. Outro ponto relevante que o entrevistado menciona e que Bruns e Soares (2007) identificam é que o envelhecimento, aqui acentuado pela aposentadoria, traz o temor da finitude da vida, relacionada também à sexualidade humana, principalmente quando se fala do envelhecer do corpo, remetendo aos conceitos de juventude, estética e beleza, tão valorizados na sociedade narcísica (LASCH, 1983).

Júlio comenta que: “(...) hoje em dia ninguém respeita o aposentado **inativo** que não tá trabalhando, é por isso que eu falo assim, não, eu não quero passar por isso”. Marcela comenta um fato que sentiu: “Olha, eu vou te falar a partir de quando eu sai do banco, me olhavam como se a gente fosse **inútil**, não fosse **interessante**.”

Gilson comenta que, quando se aposentou, disse a todos os colegas na festividade de despedida, que seria aposentado, porém, **inativo nunca**, mais uma vez unindo sexualidade e trabalho.

Esta categoria sobre a sexualidade e trabalho, aborda um tema pouco explorado pela literatura, mas que se mostra importante por tratar da dupla centralidade para os sujeitos, ou seja, a centralidade do trabalho e a centralidade da sexualidade. Tais expressões trazidas pelos entrevistados, que foram marcadas ao longo das narrativas, deixam clara a relação sexualidade e trabalho, sendo que aqui não se trata de sedução, relação sexual e outros temas que podem ser estudados posteriormente, mas a evidência que a subjetividade mobilizada ao trabalhar é a mesma mobilizada pela sexualidade. Por isto, no mesmo assunto trabalhar e não trabalhar aparecem descrições de sentimentos relacionados ao campo sexual.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das narrativas dos sujeitos e das referências utilizadas para o presente estudo, pode-se concluir que, para o *corpus* de pesquisa entrevistado, falar sobre aposentadoria, por

mais debatido que seja, é delicado e de abordagem sutil. A vivência deste processo pode ser considerada ambígua e até mesmo contraditória. Ao mesmo tempo em que traz liberdade, merecimento, alívio, é também carregado de tristezas, perdas e receios. O medo da morte e a ansiedade da finitude da existência foram evidenciados pelos entrevistados ao falarem da aposentadoria. Alguns afirmaram que, na tentativa de se esquivarem e adiarem este fim que acometerá a todos (a morte), continuam ligados às empresas e ao trabalho para não ter que vivenciar a ideia de finitude. Assim, ligados a uma organização maior que eles, procuram viver através do ideal de eu (amor de objeto) no molde capitalista, aquela sensação de plenitude perdida ainda na fase infantil. Percebe-se em muitos momentos que o fim da vida de trabalho é associado à morte, ao fim da vida, e que o sentimento de não ter mais futuro está presente na fala dos entrevistados por conta da idade. Constata-se assim, que o trabalho tem um papel importante para a pessoa no sentido de minimizar os incômodos da finitude, como explicitado por muitos entrevistados que disseram que, estar sem atividade de trabalho é estar colocando um fim na própria existência.

Na sociedade atual, como já mencionado, o trabalho é elegido como objeto de amor, em que se investe muita energia libidinal. Nesse sentido, num momento de ruptura, inicia-se então um processo de luto a ser vivenciado pela pessoa. Observa-se nas narrativas dos entrevistados que existe um processo de luto com a aposentadoria. Todos os sujeitos que se aposentaram e pararam de trabalhar, mesmo que por um período, narraram sentimentos de angústia, solidão, vazio, inutilidade e tristeza profunda. Vale ressaltar que nenhum deles identificou este processo como luto, o que reforça a hipótese do quanto os aspectos psicológicos da aposentadoria não são tão claros e de conhecimento das pessoas. Alguns entrevistados demonstram não querer nem mesmo se dar conta da própria aposentadoria, num ato de defesa e autoproteção. Outros simplesmente se negam a viver este processo de luto e, para isso, optam por nem pensar em parar de trabalhar. Pode-se concluir, a partir dos pontos destacados, que existiu um processo implícito de luto para todos os entrevistados. No entanto, a forma de vivenciá-lo diz respeito à individualidade e estrutura de cada um, como também à sua organização familiar, relação com o trabalho, idade e tempo de contribuição previdenciária, situação financeira e de saúde e perspectivas do que fazer depois de parar de trabalhar. Percebeu-se, também, que o sujeito, ao viver o luto da perda do trabalho, experimenta o luto da passagem do jovem para o velho, do produtivo para o improdutivo, do ser infinito para o ser finito e do ativo para o inativo.

Na sequência da análise da experiência do luto pela perda do trabalho, nota-se que, para que este processo se encerre é importante que o sujeito esvazie a energia depositada ali e

a transfira para outro objeto de amor. Essa transferência foi narrada pelos sujeitos sem que os mesmos tivessem consciência clara de que se tratava de um ponto fundamental da recuperação do luto vivido. Foi possível identificar, dessa forma, o reinvestimento libidinal para outros objetos a fim de que o equilíbrio e o bem-estar se estabeleçam novamente, concluindo a importância deste processo para que o sujeito retome a vida e siga com outras atividades. Vale ressaltar que ter outro trabalho remunerado após a aposentadoria é uma forma de direcionamento libidinal, mas que não se mostrou ser a única forma de reestabelecimento do luto. Foram observadas outras formas como: realização de viagens; cuidados com a família; estudos; realização de projetos antigos que não tinham condições de serem feitos no tempo de trabalho.

A presente pesquisa também possibilitou o entendimento da relação da sexualidade com o trabalho, podendo concluir que os dois temas não são antagônicos e que tratam de um mesmo lugar na subjetividade dos indivíduos. Com isso, observou-se que os sujeitos, ao se referirem à aposentadoria – que os leva a experimentar o próprio envelhecimento, descreviam-na com características carregadas de conotações sexuais, como inatividade, impotência, fraqueza e inutilidade. Também no sentido contrário, ao falarem do trabalho, um lugar fálico para eles, eram trazidas expressões de potência, virilidade, força e atividade. Evidencia-se, assim, que a subjetividade mobilizada ao trabalhar é a mesma mobilizada pela sexualidade. Caracterizações relacionadas ao sexual e à sexualidade acabam surgindo em ambas as expressões, no trabalhar e no não trabalhar. O segundo corpo, o corpo que experimenta o mundo e que é composto pela subjetividade do indivíduo é o mesmo que é mobilizado ao trabalhar e pelas pulsões à sexualidade. Conclui-se, então, que o trabalho ocupa um lugar fálico na vida dos indivíduos, de grande investimento libidinal, considerado neste estudo, portanto, como objeto de amor, que ao ser exercido tem a possibilidade de fornecer uma satisfação sexual ao sujeito.

Para finalizar, **defende-se a ideia**, que para o *corpus* de pesquisa analisado: o trabalho e a sexualidade são centrais na vida dos indivíduos; existe um luto quando se aposenta, mas que não é apenas da perda do trabalho, como também da juventude e da virilidade possibilitada pelo trabalhar; a aposentadoria coloca o sujeito de frente para a própria finitude e o próprio envelhecimento; e, por fim, que o trabalho ocupa um lugar fálico na sociedade narcísica atual, sendo através desta atividade, possível experimentar prazer sexual.

## REFERÊNCIAS

- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC, 2011, pp. 329-341.
- BARRETO, R.O.; FERREIRA, L. “Luto e Melancolia”: Contribuições Psicanalíticas para o entendimento dos reflexos da Aposentadoria na Subjetividade dos Indivíduos. In: XXXV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD. **Anais...** Rio de Janeiro, setembro, 2011.
- BEAUVOIR, S. **A Velhice. A Realidade Incômoda**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BRUNS, M. A. de T.; ABREU, A. S. O envelhecimento: Encantos e desencantos da aposentadoria. **Rev. ABOP**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 5-33, jun. 1997.
- BRUNS, M. A. de T.; SOARES, M. C. **Envelhecimento humano: diferentes perspectivas**. Campinas: Editora Alínea, 2007.
- CALDAS, M. P. Demissão: Alguns significados da perda de emprego para o indivíduo. IN: CALDAS, M. P. e WOOD JR., T. **Transformação e Realidade Organizacional**. Uma perspectiva brasileira. São Paulo: Atlas, 1999.
- CRESWELL, J. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Editora Artmed, Porto Alegre: Penso, 2014.
- DEJOURS, D. **Trabalho Vivo – Sexualidade e Trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2012a.
- DEJOURS, D. **Trabalho Vivo – Trabalho e Emancipação**. Brasília: Paralelo 15, 2012b.
- FLIK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRANÇA, L. Preparação para aposentadoria: desafios a enfrentar. In.: Veras, R. **Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- FREUD, S. **Luto e melancolia**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1915a)
- FREUD, S. **Pulsão e suas Vicissitudes**. In: Edição Standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1915b)
- FREUD, S. **Sobre o Narcisismo: uma introdução**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1914)

- FREUD, S. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. In: Edição Standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud, Vol. VII (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1905)
- GABRIEL, Y. **Organizations in a State of Darkness: Towards a Theory of Organizational Miasma**. *Organization Studies*, 33(9) 1137-1152, 2012.
- GABRIEL, Y. **Organizing Words: a critical thesaurus for social and organization studies**. Oxford University Press, 2008.
- GARCIA-ROZA, A. **Introdução a Metapsicologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Editora Zagar, 2008. (Volume 3)
- GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.
- IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013. (Brasil). **Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 2000-2060**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2013/default\\_tab.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtm)>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MATTEUS, T. C.; BRESLER, R. Organização: Este Obscuro Objeto do Desejo? Caminhos da Sexualidade nas Organizações. In: **Organização & Sociedade**, 2002, v.9, n. 25.
- MORGAN, G. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 2006.
- MORIN, E. M.; TONELLI, M. J. e PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Anais...** Atibaia, SP, Brasil, 2003.
- MOTTA, F. C. P. O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 27, n. 3, jul-set, 1987.
- MUCIDA, A. **O Sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MESSY, J. **A Pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. São Paulo: ALEPH, 1999.
- NASIO, J. D. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- PAGÉS, M.; BONETTI, M.; GAULEJAC, V. e DESCENDRE, D. **O poder das organizações – a dominação das multinacionais sobre os indivíduos**, São Paulo, Atlas, 1987.
- PERES, M.A.C. **Velhice, Trabalho e Cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TRAGTENBERG, M. **Administração, poder e ideologia**. São Paulo: Moraes, 1980.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, ano 22, p. 203-220, ago/dez. 2014.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

COSTA, D. V. F; NASCIMENTO, R. P. “Sai Velho, Deixa o Novo Entrar”: O Luto do Aposentar, Envelhecer, da Finitude e da Sexualidade. **Rev. FSA**, Teresina, v.18, n. 7, art. 14, p. 217-238, jul. 2021.

Contribuição dos Autores	D. V. F. Costa	R. P. Nascimento
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X